



<  
*Stabat Mater*,  
de Antonio Tarantino,  
enc. Jorge Silva Melo,  
Artistas Unidos,  
2006 (Maria João Luís),  
fot. Jorge Gonçalves.

## Com Maria João Luís

### Uma promessa de felicidade, apesar de tudo

João Carneiro

João Carneiro  
é crítico de teatro do  
semanário *Expresso*.  
é membro da Direcção da  
Associação Portuguesa de  
Críticos de Teatro.  
<

*Stabat Mater* é uma expressão que nos remete para uma imagem dolorosa, a de uma mãe e de um filho morto. Trata-se de uma expressão e de uma imagem que fazem parte de um universo religioso em que o filho morto é uma imagem de sofrimento e, ao mesmo tempo, uma imagem de renovação, de renascimento, de ressurreição. O filho desaparece uma vez quando morre, deixando o reino dos vivos; desaparece uma outra vez quando ressuscita, deixando o reino dos mortos e transformando-se num sinal de que a condição finita dos humanos pode ter uma contrapartida transcendente; o sofrimento pode vir a ser resgatado pela certeza de uma outra vida e de uma outra existência, uma vida eterna e uma existência eterna.

A peça de Antonio Tarantino recria este universo de problemas a partir de uma história trivial, a de uma mulher que anda à procura de um homem que vive com outra, e que não parece querer saber dela. É, também, uma mulher que trabalhou toda a vida, a vender roupas aqui e ali, para sobreviver e para sustentar um filho que desapareceu, dentro dos labirintos das prisões, porque se interessava por palavras, por livros e por política, quer dizer, pela maneira como os homens vivem, querem viver, e podem viver.

Muito apropriadamente, a peça de Antonio Tarantino é para ser representada por uma só mulher. Ela representa a mulher que dá vida aos homens, que dá prazer aos homens, que tem prazer com os homens, que perde o homem que tem e o filho que criou, e que sofre muito por causa disso tudo. É uma mulher que representa a

finitude e a insignificância dos homens e, ao mesmo tempo, a possibilidade de ultrapassar essas limitações, mas não acreditando numa transcendência que nos permite pensar numa vida depois desta vida na terra, uma transcendência que tenta reduzir a nada aquilo que faz a vida de todos os dias para os homens e mulheres de carne e osso. Aquilo que para a personagem de Tarantino, aquela Maria da Cruz que vende roupas e que fala de sexo, de marroquinos e de dinheiro, está no lugar da transcendência religiosa, cristã, é a possibilidade de continuar a viver na terra fazendo face à infelicidade e procurando continuar a viver, mesmo assim, o melhor que pode e que sabe. Para ela não há mística, não há metafísica, não há milagres; só há tristezas, sofrimento e, por estranho que possa parecer, esperança que o segundo ou o minuto seguinte, ou o dia seguinte, ou a semana seguinte, sejam melhores do que o agora. Muito trivialmente, mas também com uma sabedoria imbatível, trata-se de não perder a esperança.

Muito apropriadamente, Maria João Luís, representando a mulher que procura o filho, que sofre e que procura transcender esse sofrimento, tipifica aquilo que penso ser uma das maneiras mais depuradas, mais intensas, e mais emblemáticas de fazer teatro: a do actor, ou da actriz, que está sozinho/a em cena, e que nos faz acreditar em tudo o que diz e faz. Fala com o homem que não aparece, fala com o padre, fala com as funcionárias dos serviços sociais, fala com a namorada do filho. Fala deles todos, consigo e com um interlocutor não nomeado, a que é costume chamar público. Recria uma história da



&lt;&gt;



&gt;

*Stabat Mater*,  
de Antonio Tarantino,  
enc. Jorge Silva Melo,  
Artistas Unidos,  
2006 (Maria João Luís),  
fot. Jorge Gonçalves.



humanidade, dialogando com personagens que estão no ponto mais sofisticado da ficção, isto é, que não estão fisicamente em cena, porque só existem nas suas palavras. Recria discursos, e recria uma interação apenas com as palavras, como fazemos com os livros quando lemos, mas estar no teatro não é estarmos sozinhos a ler. É neste ponto que a atriz Maria João Luís substitui a transcendência de que nos fala a história da Virgem e do Filho morto que vai ressuscitar, por uma proposta que nos sugere que a vida nem sempre é só aquilo que conhecemos antes de entrar no teatro, de ler um livro, de ouvir música, de ver um filme, e por isso é que fazemos estas coisas. São coisas de vida diferente, que é também – e isto é crucial – a continuação da nossa vida normal, da nossa vida de todos os dias. Nos melhores casos, e por mais tristes que sejam as histórias que nos contam, essa vida, a da arte, é sempre uma promessa de felicidade.

No caso de *Stabat Mater*, a responsabilidade dessa promessa cai em cima da artista que representa e, caso admirável, a promessa é cumprida. Com o ritmo certo nas palavras, nos gestos, com a apropriação do discurso alheio de maneira a recriá-lo como se ele tivesse, de facto, importância, com uma capacidade de habitar o espaço de representação de maneira a, justamente só com o corpo e com as palavras, transformá-lo no espaço daquela personagem, daquele discurso, daquele universo. Que Peter Brook tenha começado por requerer um actor num espaço para que exista teatro, e que tenha corrigido essa sua proposta e passado a requerer dois actores, não quer dizer que a sua ideia inicial seja para pôr de lado. Quer dizer que ele prefere assim. O trabalho de Maria João Luís em *Stabat Mater*, na encenação de Jorge Silva Melo, será sempre um argumento de peso em favor da primeira opção.